

A portrait of Fabio Giambiagi, a middle-aged man with thinning brown hair, wearing a teal polo shirt. He is looking slightly to the right with a gentle smile. The background is a blurred outdoor scene with green foliage and a body of water.

Livro Fabio Giambiagi

Pesquisador associado FGV IBRE

Vizinhos para sempre

Ao constatar que, em matéria de química entre os presidentes, Brasil e Argentina vivem o pior momento desde a origem do Mercosul, o economista Fabio Giambiagi não esconde certa frustração. Filho de pais argentinos, nascido no Brasil, Giambiagi cresceu alimentado por um interesse binacional que até hoje inspira seus estudos e a expectativa de dias melhores entre esses vizinhos.

Em episódio do *Economia em 15'* – o podcast da *Conjuntura Econômica*, Giambiagi contou que

a motivação para seu livro mais recente – *Argentina para Brasileiros: un País de Película* (AltaCult, 2026), foi buscar a aproximação de ambos os universos a partir de um maior conhecimento pelos brasileiros da Argentina além-futebol. “Sou de uma geração em que lá se acompanhava a trajetória artística de Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, e no Brasil o processo de redemocratização argentina com Raúl Alfonsín foi acompanhado de perto, por exemplo. Mas, com tantos proble-

mas pelo caminho, isso foi se diluindo, especialmente nos últimos 20 anos”, lamenta.

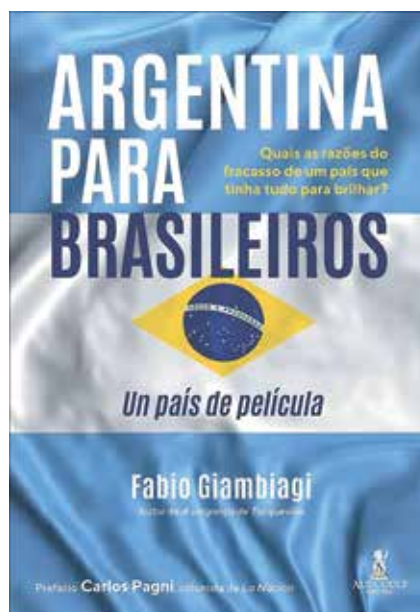
A obra – que traz política, economia, histórias e frases marcantes sobre a história argentina, alinhavadas pela vivência pessoal do autor – é a segunda de uma trilogia, iniciada com *A Vingança do Tocqueville: a Importância do Bom Debate* (AltaCult, 2025), em que Giambiagi conta sua visão do Brasil a partir do que estudou e vivenciou desde sua entrada na faculdade de economia na UFRJ, em 1980. O terceiro,

com previsão de lançamento para o ano que vem, será sobre o Mercosul, diz, sob o título *O Diamante Esquecido*. “Trata-se da ideia de que Brasil e Argentina tem um diamante que, se devidamente lapidado, pode ser um poderoso fator de atração de investimentos no mundo de hoje. Por ora, entretanto, o bloco continua relegado à quinquagésima prioridade por ambos os países.”

Na conversa, que contou com a participação de Lia Valls, pesquisadora associada do FGV IBRE, Giambiagi destacou o papel do peronismo, em suas diversas vertentes, para a polarização que há décadas define a política do país.

“Faço referência ao historiador John William Cook, importante militante de esquerda nos anos 1970. Ele é autor da expressão ‘o peronismo foi o fato maldito da política argentina’. Não no sentido de ser algo amaldiçoado, mas que cindiu a sociedade argentina em dois desde a sua origem, entre peronistas e antiperonistas, mas a dificuldade de os argentinos se entenderem entre si.

É fato que já na introdução do livro me declaro a terceira geração de antiperonistas da família. Mas se trata de uma qualificação mitigada pela ação do tempo. Embora me oponha a uma série de características de governos peronistas, tenho aprendido com todas as experiências ruins da Argentina, e com os recentes episódios de polarização



extrema no Brasil, não vai lugar nenhum na Argentina sem reconhecer a força do peronismo e sem reconhecer que ele tem que ser integrado sociedade. Como alguém que cultua o diálogo, sei que não pode encontrar uma solução para a Argentina que não passe alguma forma de entendimento com essa forma de expressão política.

Assim, grande problema argentino que vejo não é o do peronismo em si, que é uma das facetas da Argentina, mas sim esta dificuldade dos argentinos de formarem maiorias e se entenderem entre si, e que agora está se manifestando de outra forma com essa adoração meio fanática de uma parte da sociedade ao presidente Javier Milei, e uma oposição extrema da outra parte.”

Nas eleições de 2023 – sob uma conjuntura econômica crítica, com

inflação anual acima de 200%, déficit fiscal crônico e alta da pobreza –, o peronismo se viu fortemente combatido, o que poderia se converter em oportunidade para o surgimento de uma nova proposta de governo que dirimisse cisões. Mas venceu Milei.

“Os eleitores de Milei foram um grupo muito específico, de homens jovens que se sentiam identificados com esse estilo peculiar – algo similar aconteceu em outros países do mundo, inclusive no Brasil. E muitos pais foram convencidos pelos filhos a votar no outsider. Quem era crítico a Milei e argumentava: ‘A situação pode piorar’. Quem é mais velho sabe que sempre é possível piorar. Mas para jovens sem emprego formal, trabalhando na economia de aplicativo, como argumentar sobre direitos?

Uma coisa, entretanto, é votar no impulso, naquela euforia toda. Quando passam dois anos, dois anos e meio, aquele jovem vê que o pai continua com dificuldade financeira para chegar no final do mês, e percebe que o mundo real não era o dos debates eleitorais, que prometiam que era só tirar o Estado que a economia melhoraria.

O desafio agora é identificar uma nova política mais sofisticada que, entre aspas, vá além do simples combate à inflação. Obviamente, é fundamental para a Argentina ter e manter uma inflação baixa. A grande questão é quem vai empunhar a bandeira de algo como um mileís-

“Tem certos livros que a gente não pode escrever antes dos 50 anos, e esta trilogia que preparo se beneficia exatamente desse amadurecimento que a vida e a trajetória podem dar”

mo sem Milei. Ou seja, de manter o compromisso com a estabilização, com a inflação baixa, mas dentro de um padrão de debate público civilizado com políticas públicas em áreas básicas, sem a ideia de que o Estado não tem papel nenhum e ponto final.”

Dados de julho mostram que a inadimplência das famílias na Argentina triplicou em 12 meses, de acordo ao Banco Central argentino. Na mesma comparação, os preços acumulam alta em relação ao mês anterior, e a popularidade do governo cai.

“No início de governo, Milei unificou uma série de ministérios numa pasta que chamou genericamente de capital humano. Tem-se feito uma política social intelligen-

te, mantendo o benefício que se assemelha ao nosso Bolsa Família e eliminando outro canal de recursos usado por lideranças políticas de forma vergonhosa e proselitista. A despesa associada a essa política similar ao Bolsa Família em rigor aumentou.

No primeiro momento de governo, entretanto, houve uma certa inexperiência inicial na utilização desses instrumentos, com um agravamento efetivo da situação social. Lembremos que em 2024 o gasto público total na Argentina teve um corte real de 27%. Foi algo realmente impressionante, impossível inicialmente não acen-tuar a problemática social, e isso se refletiu no aumento da pobreza. Quando a economia começa a se recuperar, Milei espertamente passa a comparar a queda da pobreza a partir daquele pico associado à primeira política, já no seu governo.

Outro fator que é preciso considerar – sobre o qual não sou especialista – é que determinada pessoa saiu da pobreza o fez ficando muito perto do limiar. Para a estatística, faz diferença, mas os níveis de insatisfação social sugerem que é preciso avaliar de fato essa melhora.”

No livro, Giambiagi destaca o potencial econômico das novas fronteiras de exploração em setores estratégicos. O complexo de Vaca Muerta – “talvez a única política de Estado que perpassou diversos governos alternados de

peronismo e macrismo” – levou o país de uma situação deficitária na balança de petróleo e gás para um superávit comercial na casa dos US\$ 8 bilhões em 2025. Ao qual se somam projetos de lítio com perspectivas promissoras, e as vantagens comparativas tradicionais do setor agropecuário. Mas o autor destaca que esse cenário de perspectivas exuberantes também evidencia os desafios da parte da economia que perdeu tração.

“O que está acontecendo na Argentina é um desafio enorme para qualquer governo. Você deve lembrar, na época do choque da covid, que se usava expressões como recuperação em V, recuperação em W, recuperação no formato daquela marca da Nike, de uma queda e depois uma subida lenta. Na Argentina, tem-se falado muito em um movimento da economia em forma de K, com setores para cima e setores para baixo.

Quando se observa o PIB da Argentina no governo Milei, houve uma queda em torno de 1,7% no primeiro ano, em 2024, e um crescimento um pouco superior a 4% no segundo ano. Transformando isso num acumulado do biênio, você tem uma economia que de um modo geral que cresceu alguma coisa em torno de 3% no acumulado, uma taxa razoável considerando todos os problemas que o atual governo herdou. Mas esse resultado esconde uma assimetria radical entre setores. Para se ter

uma ideia, oito dos 16 macrossetores em que as contas nacionais argentinas dividem a economia apresentaram queda absoluta no acumulado do biênio. Entre os que tiveram comportamento positivo, vários não tiveram nada de espetacular. Agora, há três segmentos que estão bombando: agricultura, por uma série de razões similares às nossas; o setor de extrativa mineral, por causa desses recursos que já existiam e agora a tecnologia permite explorar, e o setor financeiro. Mas são setores pouco empregadores.

A Argentina está vivenciando uma desigualdade extrema nesse processo de crescimento atual. Trata-se de uma desigualdade social, porque tem pessoas e categorias que estão sorrindo de orelha a orelha e tem indivíduos e famílias que estão passando por uma situação realmente dramática; e uma desigualdade setorial, somada a uma desigualdade territorial. Nas circunstâncias atuais, como é que o governo Milei reage diante dessa decadência industrial, pensando na manufatura que se concentra em Córdoba e especialmente Buenos Aires? Vai aceitar que se transforme em uma gigantesca Detroit de decadência? Vai esperar que haja uma migração a Neuquén (onde fica Vaca Muerta), que está bombando? Os neuquinos querem isso?

Então, volto àquele ponto original de que é necessário ter políticas mais sofisticadas. Isso é um

desafio de Milei hoje, e será para qualquer governo, até porque qualquer governo vai querer explorar o lítio e outros minerais, vai atrair dólares, e só pressionar o câmbio para baixo com algo semelhante à famosa doença holandesa, tá? E quais são os melhores instrumentos para reagir a isso é um ponto sujeito a controvérsia.”

Giambiagi defende a importância de saber aproveitar o processo virtuoso que pode decorrer do bom entendimento entre dois países “condenados” a serem vizinhos “para sempre”. E reforça sua esperança – e catequese – para que Brasil, Argentina, e mesmo o Mercosul, evoluam nesse caminho.

“Tem certos livros que a gente não pode escrever antes dos 50 anos, e esta trilogia que prepara se beneficia exatamente desse amadurecimento que a vida e a trajetória podem dar. Ainda que eu compreenda a ideia, por exemplo, de um ‘Mercosul possível’ (conceito analisado por Lia Valls durante o podcast), a minha função como intelectual é tentar puxar um pouco mais essa fronteira.

Pensando no Mercosul ideal, queria relatar essa história de vivência pessoal. Meus pais tiveram três filhos, a vida não era fácil, então minhas viagens Brasil-Argentina na juventude eram feitas de ônibus. Quando chegava em Paso de los Libres, era preciso descarregar toda a bagagem, abri-la,

tinha um sujeito de má vontade que escarafunchava as malas, aí se guardava tudo e, ao atravessar a ponte, começava tudo de novo. Das 48 horas de viagem, umas seis horas eram perdidas nesse controle. Muitos anos depois, com minha mulher e meus filhos já crescidos, viajamos à Europa, e me impressionava a facilidade em atravessar de carro a fronteira da Áustria com a Alemanha. Era como ir do Rio de Janeiro a São Paulo. E pensei: caramba, integração é isso.

Sou um absoluto fã da União Europeia, como projeto civilizatório. Claro que explicado pela tragédia das duas guerras mundiais, mas acho que dificilmente se encontrará algo que associe tanto ideia de fraternidade entre nações como esse projeto. Então, não sei se na minha vida verei isso, mas deveríamos avançar na linha de uma integração crescente, como foi o caso historicamente da União Europeia.” (S.M.)



Confira a conversa com Fabio Giambiagi e Lia Valls no podcast Economia em 15':

 <https://go.fgv.br/dQp37byk4ym>

 <https://youtu.be/C4wZUOtF4Ac>